



Aspectos do pensamento de Papa Francisco em dinâmica pericorético-trinitária

Aspects of Pope Francis thought in a perichoretic, trinitarian dynamic

Maria Freire da Silva*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil

Resumo

Este é um estudo teológico sobre o fundamento trinitário do pensamento do Papa Francisco, a partir da pericorese trinitária em si mesma, como unidade das três pessoas divinas no dinamismo relacional intratrinitário, em que a Igreja atinge sua mais alta analogia da própria vida de comunhão e de abertura no diálogo com o mundo. O estudo evidencia os elementos essenciais que perpassam o pensamento de Francisco, apontando a dinâmica pericorética trinitária como fio condutor, capaz de fundamentar sua compreensão inter-relacional, tanto em âmbito eclesial como em âmbito da casa comum. Radicado no evangelho, sua linguagem assume uma simplicidade articulada com a força da profecia.

Palavras-chave: Pericorética trinitária. Deus Trino. Ecologia. Comunhão.

*Doutora em teologia sistemática, e-mail: freiremaria3@yahoo.com.br

Abstract

This is a theological study about the Trinitarian foundation of Pope Francis' thought from the Trinitarian perichoresis as unity of the three divine persons in the intra Trinitarian relational dynamics, in which the Church reaches its highest analogy on own life of communion and openness in dialogue with the world. The study highlights the essential elements that run through Francis' thought, pointing to perichoretic Trinitarian dynamic as a guide able to support its inter-relational understanding in both ecclesial and of the common home. Rooted in the gospel, his language assumes an articulated simplicity with the power of prophecy.

Keywords: Perichoretic trinitarian relation. Holy Trinity. Ecology. Communion.

Introdução

Do ponto de vista de Walter Kasper (2015b), o pontificado do papa Francisco apresenta uma mudança de paradigma. Trata-se de um critério legível no quadro da esperança para a pastoral da Igreja. Isso se deve ao fato de o papa ser um homem do encontro, um homem relacional e que entende a Igreja dessa forma. E, também, por ele ter sido sempre um homem de prática pastoral. A raiz teológica da grande tradição da novidade de Francisco é o evangelho de Jesus Cristo, demonstrando assim que não apresenta inovações, mas a eterna novidade do Evangelho, que é sempre e, todavia, novo e atual como beleza inexaurível, pois o próprio Jesus é o evangelho eterno. Portanto, a raiz do evangelho que é o anúncio do próprio amor de Deus (cf. KASPER, 2015a).

O papa se coloca na grande via da Tradição, redescobrimo o cerne da beleza maior, onde a primazia do amor divino e o dom, que é o Espírito Santo, vêm articulados e revelam o coração de seu pensar teológico. Este dado, que propaga uma perspectiva eclesiológica, põe no centro de sua explicação a imagem bíblica e conciliar da Igreja como povo de Deus. É à luz dessa hermenêutica eclesial que se torna possível compreender suas posições, em todos os níveis das relações que estabelece. Resgatando o dado central evangélico o qual revela a encarnação de Deus, Francisco tem

como paradigma no centro de seus diálogos *intra* e *extra eclesial*, os pobres. Para tanto, exorta que o Povo de Deus, que se constitui em comunidade, saia ao encontro prioritariamente deste e do mundo para sua efetivação. A Teologia de Francisco requer uma Igreja em saída, termo que se articula com a compreensão da *pericórese* trinitária *ad intra*, com seu êxodo *ad extra* na obra da criação e da salvação.

Nesse sentido, Francisco assume a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, que exige nova configuração de uma Igreja piramidal para uma Igreja poliédrica e participada por todos os que a constituem. Há toda uma dimensão sinfônica e uma circularidade cadenciada onde orbitam os ministérios, carismas e serviços, numa construção arquitetônica das partes na relação com todo e o todo com as partes. Pode-se afirmar que tudo coexiste e se dá no interior da dinâmica pericorética trinitária.

Uma eclesiologia de comunhão

Para melhor compreensão de nossa proposta, é indispensável situar o pensamento do papa Francisco no contexto da eclesiologia da Constituição Dogmática *Lumen gentium* (LG). A temática da Igreja-Comunhão se dá a partir da redescoberta da origem trinitária da Igreja (LG 1), que fundamenta a ideia de comunhão, de unidade na diversidade. Segundo Bruno Forte, para realizar o seu desígnio de unidade na variedade dos homens e dos povos, o Pai mandou seu Filho e o Espírito, Senhor e vivificador, que congrega toda Igreja [...] é ele o princípio de unidade na doutrina dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações (At 2,42-47 e LG 13).

O primeiro capítulo da LG trata do resgate da profundidade trinitária da Igreja: *De unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti plebs adunata* (CIPRIANO DI CARTAGINE, 2006). O que significa afirmar que a Igreja tem sua origem na Trindade, isto é, vem do alto (*oriens ex alto*); está na Trindade e ruma para o acabamento trinitário. Seu fim último é a Trindade. Portanto, a Igreja é plasmada pelo alto e rumo ao alto: *Regnum Dei praesens in mysterio* (LG 3). Vê-se, também, que a LG, ao concluir a apresentação trinitária da Igreja, diz que “desta maneira aparece a Igreja toda: o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4),

isto é, essa mesma Igreja, que tem sua origem no mistério trinitário, pelas missões do Filho e do Espírito Santo, por livre e amorosa iniciativa do Pai, encontra na mesma Trindade seu modelo.

A chave de compreensão do documento, que reza a superação dos vários reducionismos testemunhados na história da eclesiologia em vista de uma renovada e plena percepção do mistério eclesial, reside na leitura trinitária da Igreja: povo reunido em torno do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nesse sentido, afirma que o mistério de comunhão se dá na totalidade do Povo de Deus. Ainda que este povo messiânico, não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho, ele se compreende aberto a todo o gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação. Constituído por Cristo para a comunhão de vida, caridade e verdade, é por Ele ainda assumido como instrumento de redenção de todos, e é enviado ao mundo inteiro como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16) (cf. LG 9).

Na visão de Parra (2016), o pórtico de entrada da LG demonstra uma visão de inclusão das pessoas, circularidade, participação, espiritual e social, política e cultural, que podem constituir formas de vida humana, diferentes das que foram da secular piramidal pré-moderna, objetivada, impessoal, que ausentava a igualdade e a participação fraterna.

Conforme a *Lumen gentium* Capítulo II, o modelo Igreja Povo de Deus se caracteriza pela base laical-batistal e colegial-ministerial, em que todos partilham a dignidade de membros do Povo messiânico. A Igreja é laical no sentido de ser povo de Deus, efetivamente λαός του Θεου (*laós tou Theou*), donde provêm o termo *leigo* (= membro do povo) e o adjetivo laical. No centro da vida da Igreja está o batismo que nos faz todos membros iguais de um mesmo Povo de Deus. Sobre tal igualdade fundamental, e após ela, virão as diferenças de ministérios e carismas. Não é a hierarquia que nos constitui cristãos, mas o nascimento pelo batismo. Do ponto de vista de Comblin (2002, p. 19-21), o conceito povo de Deus articula-se e encontra seus fundamentos na Bíblia, tanto em nível do Primeiro Testamento, como do Novo Testamento:

A alegoria “Povo de Deus” encontra na Bíblia sua raiz, já que esse é um dos temas fundamentais do AT. Israel é o povo eleito de Deus. Essa pertença cria laços únicos descritos por meio de alegorias que expressam de modo

familiar: Israel é filho primogênito (Ex 4, 22; Dt 14, 1; Is 1, 2.4 etc). Como consequência desta eleição, Israel é um povo “santo”. O NT mostra o nascimento da Igreja a partir do povo de Israel (COMBLIN, 2002, p. 28-29).

Outro elemento que evidencia o transfundo eclesiológico de Francisco se refere às Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho como aplicação do Concílio Vaticano II no Continente. Nesse contexto, como ocorrido em geral no fazer teológico a partir dos anos 50, inicia-se o importante diálogo com as ciências sociais e o pobre como *locus* necessário para a reflexão. Por seu método indutivo, muito mais que a simples reflexão, essa teologia se liga ao compromisso e a inserção política de seus membros e nas suas ramificações, as leituras referentes aos temas de gênero, ecologia e cultura (cf. BIANCHINI, 2015).

Do ponto de vista de Vincenzo Paglia (2016), o Papa Francisco é filho do Concílio Vaticano II, tendo como visão contextual de recepção deste, o contexto argentino latino-americano. O concílio traz à tona um conceito escondido: a comunhão como elemento central para exprimir a compreensão eclesiológica, tendo presente uma visão unitária da Igreja enquanto povo de Deus. Essa comunhão se apresenta nas diversas dimensões: Comunhão com o Deus trinitário em suas relações de Pai, Filho e Espírito Santo, comunhão sacramental, comunhão concreta no episcopado e na vida eclesial. Disso deriva a comunhão com a Casa Comum. Portanto, o pensamento de Francisco se insere nessa perspectiva (cf. PAGLIA, 2016).

A exortação *Evangelii gaudium*: o mistério da Encarnação como princípio estruturador

A exortação *Evangelii gaudium* (EG) sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (FRANCISCO, 2013) é o resultado da XIIIª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que tratou da *Nova Evangelização para a Transmissão da Fé*. O Papa Francisco recolheu as contribuições do Sínodo, reelaborando a temática para que fosse uma orientação para a Igreja nos próximos anos (BIANCHINI, 2015, p. 59). Do ponto de vista de Bianchi, o Papa propõe uma “renovação eclesial inadiável” (EG 27) que consistirá em pôr a Igreja em estado “de saída” (EG 20) de si mesma em direção aos pobres

e ao diálogo para com o mundo contemporâneo. O objetivo de Francisco é articular a evangelização, questões sociais e pastorais a partir do resgate do conteúdo eminentemente social do *kerigma* (cf. EG Capítulo IV).

Percebe-se nessa perspectiva uma inter-relação com a pneumatologia. Confessar a encarnação do Verbo de Deus que viveu a dialética da Cruz-Ressurreição, exige a confissão de que o Espírito age em todos. Convoca substancialmente ao realismo da encarnação e a integridade da redenção. Da profissão de fé em Cristo Salvador e Redentor universal, deriva para a Igreja um empenho de amor por todas as pessoas, e o anúncio de Cristo total provoca inevitavelmente consequências sociais. A Igreja se põe em saída de si, em dinâmica de constante renovação eclesial a partir do diálogo que estabelece com o mundo. Para o papa, a unidade e a diversidade na Igreja constitui a riqueza, e se compara a uma sinfonia, acordo e harmonia, onde vários instrumentos tocam juntos e cada um mantém seu timbre (cf. FRANCISCO, 2016, p. 34).

Ora, essa renovação exige a orientação para o cerne do cristianismo. A EG gira em torno do Mistério da encarnação como verdade primária, sobre a qual se apoia a fé, onde a realidade antropológica atinge seu cumprimento no desígnio do amor de Deus. Encarnação-Redenção revela o mistério amoroso de Deus e a dignidade de sua criação, e a prática da Evangelização com atenção especial ao social, expressa essa experiência de redenção integral operada por Cristo (TOSO, 2016).

A Igreja se coloca em posição de *diaconia* em seu sentido mais estrito de serviço, de tal forma, que a evangelização do social é a dimensão constitutiva do ser da Igreja, da sua missão. “Como Igreja missionária por natureza, assim surge inevitavelmente de tal natureza a caridade efetiva para o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG 179). Mais que somente um dado sociológico, a pastoral social é expressão do único amor-ágape que anima a Igreja na sua inteireza. Nesse sentido, o documento expressa a identificação da pessoa do Cristo com os pobres, e do compromisso da Igreja de ir às periferias existenciais, compreendidas por espaços de necessidade sociais, que abrange a cristãos e não cristãos. Como observa Bianchi,

A síntese pastoral de Francisco inclui uma eclesiologia do Povo de Deus e uma antropologia política acerca do povo”. Essa eclesiologia do povo de Deus segue conforme a exposição do Concílio Vaticano II, mas é enriquecida com “aportes

da teologia bíblica, hermenêutica, moral, pastoral, histórica, espiritual, cultural e social gestada na comunidade teológica argentina”. Essa compreensão eclesiológica possui um vínculo estreito com a realidade política, cultural e social dos povos em que o povo de Deus também toma parte. O sujeito evangelizador da Exortação é o povo de Deus, pois, “todo o povo de Deus anuncia o Evangelho” (EG 111-134) (BIANCHINI, 2015, p. 59).

Bianchini ainda afirma que a Exortação põe em destaque a relação da Igreja com o mistério de Deus. A Igreja é, antes de tudo, um “mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional” (EG 111) (apud BIANCHINI, 2015, p. 59).

É possível verificar na linguagem da EG uma compreensão trinitária de Deus, ao perceber que a *oikonomia* e dispensa do amor divino se dão por Jesus por meio do Espírito Santo comunicado à humanidade. Para De Miguel, “do mistério de Deus como amor e dom participa toda criação; [...] é a lógica divina que do mistério da Trindade se chega ao mistério da redenção do mundo” (DE MIGUEL, 1998, p. 155).

Boff (1995, p. 135-163), por sua vez, une dois gritos num mesmo clamor: o grito dos pobres (cf. Êx 3,7), e o grito da Terra que geme sob a opressão (cf. Rm 8, 22-23), caracterizando aqui a ecologia. Ambas visam a libertação dos pobres a partir deles mesmos, como sujeitos históricos, pressupondo uma complementaridade, porém, mantendo distinção. Há uma redefinição do ser humano no cosmos e de suas relações com este, colocando-o diante de um novo paradigma, alicerçado numa nova era, a chamada era ecológica.

A encíclica *Laudato si'* e sua dinâmica pericóretica¹

A *Laudato si'* (LS) traz em sua arquitetura a circularidade onde os princípios não apenas circulam no imaginário abstrato da consciência

¹ A compreensão relacional e de comunhão das pessoas divinas está intimamente relacionada ao conceito grego de pericórese (perichôresis). Em sua origem, o conceito designa dança; o que significa: uma dança girando, rodeando em torno do outro; e o outro rodeando o primeiro. Como conceito reflexivo, pericórese provém do pensamento estoico e neoplatônico, utilizado aqui para significar a relação, a união e a penetração recíproca de corpo e alma. Na teologia, o conceito surge desde Gregório Nazianzeno em contextos cristológicos. Mais tarde João Damasceno a tornou um termo altamente teológico em sua aplicação a teologia trinitária.

ecológica de uma cidadania ambiental emergente (cf. LEFF, 2006, p. 266), mas através de uma práxis de inclusão da totalidade da Casa Comum. Isso pressupõe a Trindade por modelo. A comunhão trinitária não constitui um círculo fechado, mas aberto para a criação. Aqui o conceito de *pericórese*, termo grego que retrata comunhão, é fundamental para exprimir a inter-relação da Trindade em si e para fora da vida intradivina. A *pericórese*, tanto na dinâmica imanente quanto na perspectiva econômica, retrata a circularidade de Deus em suas relações recíprocas que ultrapassam a comunidade divina espelhando o universo em seu todo.

A temática central da LS, é a relação entre planeta e seus ocupantes, partindo de um panorama sobre as mudanças climáticas e os problemas que agravam a situação do planeta. Alerta para a perda da biodiversidade e articula o deterioramento do planeta ao da sociedade, por isso denuncia/exige/demanda que a humanidade mude o seu estilo de vida, visando sua preservação que, ao final, é a preservação da própria humanidade.

Para Francisco, pensar a natureza unicamente como objeto de lucro e interesse, comporta graves consequências também para a sociedade. A visão que consolida o arbítrio do mais forte favoreceu imensas desigualdades, injustiças e violências para a maior parte da humanidade, porque os recursos tornam-se propriedade do primeiro que chega ou de quem tem mais poder: o vencedor leva tudo (LS 82).

Citando o filósofo e teólogo Romano Guardini (1965, apud LS 115), o Papa demonstra a ambivalência da tecnologia em seu poder destrutivo. Todo poder tem uma grande responsabilidade que vem sendo esquecido na realidade globalizada atual. No mundo das ciências, da medicina e da política parece reinar uma mentalidade tecnocrática (cf. LS 102-114).

Na *Laudato si'* o objetivo é propor uma ecologia integral (LS Capítulo IV), que compreenda, em suas diversas dimensões, o lugar específico que o ser humano ocupa no mundo e suas relações com a realidade que o cerca. Sobre esta base, o papa Francisco propõe — no Capítulo V da mesma encíclica — uma revisão da política internacional, nacional e local, dos processos de decisões em âmbito público e empreendedor, citando ainda a relação entre política e economia e o diálogo entre religiões e ciências, que deverá ser transparente e honesto.

O ideal de justiça, fraternidade e paz que Jesus propõe situa-se nos antípodas do modelo tecnocrático e financista hodierno, como Ele mesmo expressou ao compará-lo com os poderes do seu tempo: “Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo” (Mt 20,25-26) (apud LS 82).

Ademais, Papa Francisco demonstra as características jesuíticas que lhe constituem como religioso, a partir de exercício de discernimento na tradição de Inácio de Loyola: no método do escutar e refletir todos os contributos ao tema independentemente da fonte, colhendo os aspectos relevantes para o bem comum, o Papa reflete sobre a Casa Comum e põe em relevo a inter-relação, ao modo pericorético, de várias relações epistemológicas e doutrinárias: da ciência e da filosofia, da teologia da criação e da teologia da graça, da história da salvação do povo de Israel e da história da Igreja, da revelação da vida da Trindade e da reflexão teológica (incluindo a mística e a experiência dos santos), da doutrina social da Igreja (com seus princípios e valores) e da sociologia do desenvolvimento.

O panorama ecológico sobre a casa comum, a percepção de uma interconexão no mundo da vida, a atenção aos pobres e o apelo à solidariedade, são temas de diálogo e de encontro. *A Laudato si'* tem um caráter convocativo para a cura da terra, aberta à ampla interlocução, endereçada a todos os que habitam o planeta, que possam ser interpelados por uma contemplação do mundo à luz da fé.

Pois todo o universo, inclusive em sua constituição material, é uma linguagem do amor de Deus, de expressão amorosa e de cuidado do Criador para com sua criação. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus. A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre num espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade (cf. LS 84).

A Laudato si' se insere no *corpus* do ensino social da Igreja, *corpus* orgânico de ensinamento em matéria social que tem como ponto emblemático a *Rerum novarum* (cf. LS 15). Propõe, assim, uma ecologia integral

que compreende claramente a dimensão humana, ética e social. O debate ecológico vem inserido no quadro de uma ética das relações internacionais, sobretudo do norte, nos confrontos entre norte e sul global, demonstrando níveis de responsabilidades diversificadas. Francisco realça a importância da pertença como ponto alto do estilo de vida.

A ecologia integral aparece como um novo paradigma de justiça, revelando o quanto os pobres serão e são sempre os mais prejudicados com o desequilíbrio que afeta o planeta; uma ecologia que integra os elementos específicos que o ser humano ocupa no mundo e suas relações: se tudo é relação, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade comporta consequências para o meio ambiente e para a qualidade da vida humana.

Do ponto de vista de Boff (2016), os conceitos centrais que articulam todo texto são a compreensão de que *tudo está em relação com tudo*. Tudo é relação e nada existe *ad extra* da relação. Isso deriva da convicção da física quântica e da nova cosmologia. Na perspectiva do novo paradigma, implica uma nova articulação do antropológico com o biocêntrico, surgindo uma terceira categoria, a cosmocêntrica (BOFF, 2016).

Boff compreende que do ponto de vista teológico, essa compreensão interativa da Criação, encontra seu fundamento na afirmação de que o Deus cristão desvela não a solitude do uno, mas a comunhão e a relação das Pessoas na Trindade, sempre e eternamente interconectadas, ou como afirma-se na teologia, em *pericórese*. Se o Deus Trindade é relacional, então todas as coisas por Ele criadas expressam, de algum modo, esta mesma dinâmica (cf. BOFF, 1995, p. 237).

Desse conceito deriva outro, aquele de interdependência entre tudo e da corresponsabilidade coletiva para o destino comum, da terra e da humanidade. Um conceito chave é aquele da cura, o que significa uma relação amorosa e não dominadora com a natureza e opõe formalmente ao paradigma da modernidade que é a dominação do outro, do povo e da natureza. Para Boff, "a ecologia interior integrada com a ecologia exterior encontra em Francisco um intérprete privilegiado. Ele é como uma finíssima corda do universo na qual a nota musical mais sutil ressoa e se faz ouvir" (BOFF, 2013, p. 53).

Do ponto de vista de Edwards,

ao traçar a história do universo e da vida na terra, torna-se surpreendentemente claro que todas as coisas no nosso universo são interligadas. Há uma relação interior entre o que acontece nas estrelas e o que acontece na evolução da vida na terra (EDWARDS, 2007, p. 33).

A pessoa humana é uma realidade aberta, dinâmica, de *respectividade do ser* e auto-determinada, recriando uma nova forma de ser e estar-no-mundo. Essa distinção e identificação lhe confere um caráter dinâmico e aberto. Nessa perspectiva a solidão não é o fim do humano, mas sim a comunhão. Assim, o amor torna tudo visto numa perspectiva de comunidade, referência e participação. A ação de Deus não somente sustenta e autoriza a evolução do universo, mas trabalha criativamente por meio do processo do universo emergente (cf. EDWARDS, 2007, p. 122). Deus, em suas relações mútuas, está livremente e reciprocamente inter-relacionado com suas criaturas de modo que respeita sua identidade. Dessa forma, o ser humano é chamado em si mesmo para viver essa relação de reciprocidade com todos.

À luz de *Misericordiae vultus*

O papa Francisco fez da misericórdia o tema central e fundamental de seu pontificado, e iniciou o ano da Misericórdia para toda a Igreja, demonstrando que além de colocar em relevo sua experiência pessoal, está em sintonia com seus antecessores. E, portanto, afirma a respeito da Igreja em anúncio:

A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. A sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio. Sabe que a sua missão primeira, sobretudo numa época como a nossa cheia de grandes esperanças e fortes contradições, é a de introduzir a todos no grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo (*Misericordiae vultus* 25).

Para isso, mostra onde está a fontalidade da Igreja: “Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia” (*Misericordiae vultus* 25).

Aqui podemos nos perguntar, o que é mesmo misericórdia? E a primeira resposta significa ter um coração para os miseráveis, ser empáticos, solidários. O termo hebraico *rahamin* nos responde não do coração, mas das vísceras, e do útero materno, que segundo a antropologia bíblica, envolve a pessoa em sua totalidade humana. É uma virtude ativa sempre em movimento visceral em articulação com o coração.

Na revelação do AT Deus se revela misericordioso em todos os seus atos. A criação (Gn 3,21), sua orientação da vida no povo como um todo, é expressão de sua bondade misericordiosa (Ex 3,14). Deus é misericordioso, fiel e amoroso (Ex 34,6). Sua misericórdia não apenas exprime sua soberania e liberdade, mas também sua fidelidade. Sua compaixão é esplêndida e sua misericórdia pervade a justiça (cf. Os 11,9).

Como afirma o papa Francisco:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, "rico em misericórdia" (Ef 2, 4) (*Misericordiae vultus* 1).

Esse dinamismo exige uma Igreja missionária em dupla perspectiva de saída: em primeiro momento é olhar para o Arquétipo da Misericórdia: Encarnação-Cruz-Ressurreição! Jesus Cristo! de Deus; porque a misericórdia é o nome de Deus (cf. TORNIELLI, 2016, p. 122). E em decorrência dessa compreensão, descer, aproximar-se, eviscerar-se, abraçar o desprotegido e cuidar dele e, envolver outros no cuidado. Esse eviscerar-se se *pericoriza* no cuidado com a vida humana e da Casa Comum, abraçando a complexidade da vida nas suas dobras.

A misericórdia toca o centro da teologia e da soteriologia, mas toca, sobretudo a existência humana e cristã. Dessa forma, Deus Trindade é Fonte e horizonte de toda ação missionária. A Trindade é um fluxo de amor que emana do Pai, é recebido e novamente emanado

do Filho e recebido pelo Espírito Santo. Há uma *pericórese* amorosa das pessoas divinas.

Considerações finais

A *Evangelii gaudium*, em seus aspectos trinitários, elabora uma composição arquitetural a respeito da Igreja Povo de Deus em saída. É importante ressaltar que o documento é resultado do trabalho do pensamento, mas, sobretudo é, em sua essência, o ato da criação que nasce na mente e no coração de Francisco, fruto de sua imaginação solidária, da sensibilidade e percepção de uma vida eclesial relacional, interligada em sua complexidade com o mundo. Isso pressupõe a proposição de configurações que descobrem, ou inventam, relações de solidariedade, de comunhão e *evisceramento* (amor entranhado) para encontrar-se no outro, com o outro e para o outro.

Já a *Laudato si'* exprime em seu caráter poético um apelo a louvar o Criador pela beleza da sua criação. Apresenta uma tentativa de recuperação do sentido de maravilhamento e estupor para o nosso ambiente natural. Nesta contemplação, possamos nós reencontrar o nosso lugar na natureza e redescobrir a relação entre nós mesmos e os outros e com a criação. Dessa forma, a construção dos povos singular ou coletivamente seria aquela do *poliedro*, termo grego que exprime várias faces de um objeto, ou seja, a realidade que respeita a diversidade, a complexidade, não aquela da esfera que anularia as legítimas diferenças e peculiaridades que compõe a totalidade.

Nessa complexidade ambiental da linguagem relacional há possibilidade de vislumbrar aspectos pericorético trinitários, onde o Deus da criação emerge como o artista da Casa Comum, o Filho encarnado surge, dando forma ao rosto do universo, e o Espírito Santo, divina *Ruah*, abre as janelas dando brilho às molduras da vida em construção.

Por sua vez, a *Misericordiae vultus* apresenta um desafio, pois exige abrir os portões do coração e eviscerar-se no encontro solidário com os “Lázarus da vida”. É projetar novas formas relacionais para as comunidades, e, sob a veste ideal ir tecendo um corpo real moldurado pela ação missionária no resgate do rosto dos pobres na reconfiguração da vida na dinâmica da inclusão.

Deste modo, percebemos como o pensamento do Papa assume um caráter de projeto arquitetônico, num processo relacional. Nesta perspectiva, o estilo e a estética compõem a articulação entre a vida do Planeta e dos pobres. O termo *pericórese*, embora não utilizado, tem sua noção implícita em cada palavra que dedilha a linguagem para exprimir a presença da Trindade como arquétipo, modelo de comunhão e de unidade, em abertura e inclusão. Assim como a música é a arte de combinar sons e o silêncio, o papa combina o grito dos pobres, os gemidos da Casa Comum, num único círculo universal, onde o dinamismo pericorético trinitário é valsante. O ponto de partida não é uma teologia catafática, mas apofática bem expressa em seus compassos e contornos.

Referências

- BIANCHINI, W. C. *A alegria do evangelho e a eclesiologia do povo de Deus*. 2015. Tese (Mestrado em teologia) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BATTISTA, M. Riccardo di S. Vittore. In: *Dizionario dei teologi*. Bologna: ESD, 1992.
- BOFF, L. *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.
- BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja?* São Paulo: Mardeideias, 2013.
- BOFF, L. *Comentário a Laudato si'*. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/geral/enciclica-papa-francisco-por-boff-esperanca-e-confianca-ser-huamano>>. Acesso em: 22 out. 2016.
- CIPRIANO DI CARTAGINE. *L`unità della Chiesa*. Bologna: ESD, 2006.
- COMBLIN, J. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CORRADO, G. *Commento all'Enciclica "Laudato si" di papa Francesco*. Disponível em: <<http://www.civiltacristiana.com/commento-allenciclica-laudato-si-di-papa-francesco>>. Acesso em: 22 out. 2016.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 37-117.

DE MIGUEL, J. M. La teología trinitaria de Juan Pablo II. In: *Semanas de estudios trinitários*. Salamanca: Edición Secretariado Trinitario de Salamanca, 1988.

EDWARDS, D. *Sopro de vida, uma teologia do Espírito criador*. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCISCO. *Exortação apostólica "Evangelii gaudium": a alegria do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Carta encíclica "Laudato si" sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia "Misericordiae vultus": o rosto da misericórdia*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Schwarcz, 2016.

GUARDINI, R. *Das Ende der Neuzeit*. Würzburg: Werkbund-Verlag, 1965.

LEFE, E. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KASPER, W. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015a.

KASPER, W. *Fondamenti teologici del pontificato di Francesco*. Disponível em: <<https://it.zenit.org/articles/i-fondamenti-teologici-del-pontificato-di-francesco>, 2015b>. Acesso em: 19 out. 2016.

PAGLIA, V. *Papa Francesco e il Concilio: non un padre conciliare, ma un figlio del Concilio*. Disponível em: <<http://www.vincenzopaglia.it/index.php/papa-francesco-e-il-concilio.html>>. Acesso em: 19 out. 2016.

PARRA, A. *Memoria y Profecía*. Ponencia en la Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de teología, Bogotá, Septiembre de 2016. Disponível em: <<http://www.congresoteologia2016.com/file/4.Alberto%20Parra%20%20Conferencia%20Principal.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2016.

SPADARO, A. Il magistero di papa Francesco. In: *Congresso Internacional de la Facultad de Teología*: Universidad Javeriana. Bogotá: PUJ, 2016.

TONIELLI, A. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.

TOMASI, M. “*Laudato si*”: la sfida urgente di proteggere la nostra casa comune. La lettura teológica. Disponível em: <<http://www.centessimusannus.org/media/2inap1443161.pdf>>. Acesso em 22 out. 2016.

TOSO, M. *Evangelium gaudium*: una nuova evangelizzazione del sociale. Disponível em: <http://www.iustitiaetpax.va/content/dam/giustiziaepace/segretariointerventi/2014/2014_Corea_keynote-speech_ITA.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

Recebido: 05/10/2016

Received: 10/05/2016

Aprovado: 19/11/2016

Approved: 11/19/2016